

TODAS AS COISAS BOAS

Irmã Helen P. Mroska

Ele foi meu aluno na terceira série do Colégio Santa Maria, de Morris, Minnesota. Todos os meus 34 alunos eram muito importantes para mim, mas Mark Eklund era especial, um em um milhão. Muito cuidadoso com a aparência, ele estampava no rosto uma alegria tão grande de viver que suas travessuras ocasionais chegavam a ser encantadoras.

Mark também falava sem parar. Eu precisava dizer-lhe repetidas vezes que não era permitido conversar sem autorização. Porém, o que mais me impressionava era a resposta sincera que ele me dava todas as vezes que eu o repreendia por mau comportamento:

- Obrigado por ter-me corrigido, Irmã!

A princípio, eu não sabia como reagir, mas, com o passar do tempo, acostumei-me a ouvir essa frase várias vezes ao dia.

Certa manhã, minha paciência estava chegando ao fim quando, mais uma vez, Mark começou a tagarelar. Foi então que cometi o erro de toda professora novata. Olhei firme para Mark e disse:

- Se você disser mais uma palavra, vou colar um esparadrapo em sua boca!

Menos de dez segundos depois, Chuck deixou escapar:

- Mark está conversando novamente.

Eu não havia pedido a nenhum dos alunos que me ajudasse a tomar conta de Mark, mas tive de cumprir com a palavra por ter feito a ameaça diante da classe.

Lembro-me da cena como se tivesse acontecido esta manhã. Caminhei até minha mesa, abri deliberadamente a gaveta e peguei um rolo de esparadrapo. Sem dizer uma só palavra, dirigi-me à carteira de Mark, cortei dois pedaços de esparadrapo e os colei em formato de X em sua boca. Em seguida, voltei ao meu lugar e fiquei de frente para a classe.

Quando olhei para Mark para ver sua reação, ele piscou para mim. Foi o suficiente para eu começar a rir. A classe inteira aplaudiu quando me aproximei da carteira de Mark, retirei o esparadrapo e encolhi os ombros. Suas primeiras palavras foram:

- Obrigado por ter-me corrigido, Irmã.

No final do ano, fui designada para lecionar matemática para os alunos da penúltima série. Os anos seguintes voaram, e, de repente, Mark voltou a ser meu aluno. Ele estava muito mais bonito e continuava educado. Ouvia atentamente minhas instruções sobre a "nova matemática" e já não conversava tanto na nona série como fazia na terceira.

Em uma determinada sexta-feira, as coisas não correram como deveriam. Depois de estudarmos um novo conceito durante toda a semana, percebi que os alunos estavam frustrados consigo mesmos, demonstrando irritação uns com os outros. Eu teria de pôr fim a essa situação antes que o controle da classe me fugisse das mãos. Pedi aos alunos que relacionassem os

nomes de todos os colegas de classe em duas folhas de papel, deixando uma linha em branco depois de cada um. Em seguida, pedi a eles que pensassem na coisa mais bonita que poderiam dizer a respeito de cada colega e que a escrevessem no espaço correspondente.

A tarefa durou o restante da aula. Ao saírem da classe, os alunos me entregaram os papéis. Charlie sorriu, e Mark disse:

- Obrigado pela aula, Irmã. Tenha um bom fim de semana.

Naquele sábado, escrevi o nome de cada aluno em folhas de papel individualizadas e relatei os comentários de seus colegas. Na segunda-feira, entreguei a cada aluno a folha de papel que lhe pertencia. Dentro de poucos minutos, a classe inteira estava sorrindo.

- Será verdade? - ouvi alguém sussurrar.

- Eu nunca imaginei ser tão importante assim para alguém!

- Eu não sabia que meus colegas gostavam tanto de mim!

Ninguém voltou a falar daquelas folhas de papel na classe. Eu nunca fiquei sabendo se eles trocaram ideias entre si ou com os pais, mas isso não importava. A tarefa havia alcançado seu objetivo. Os alunos ficaram felizes consigo mesmos e com os colegas.

Aquele grupo de alunos deixou o colégio. Anos mais tarde, após eu ter retornado de férias, meus pais foram encontrar-se comigo no aeroporto. Enquanto nos dirigíamos para casa, minha mãe fez as perguntas rotineiras sobre a viagem: o clima, minhas experiências em geral. Havia uma atmosfera um tanto estranha em nossa conversa. A certa altura, minha mãe olhou de esguelha para meu pai e disse simplesmente:

- E então?

Meu pai limpou a garganta, conforme costumava fazer antes de dizer algo importante:

- Os Eklunds telefonaram ontem à noite - ele começou a dizer.

- Verdade? - eu disse. - Faz anos que não tenho notícias deles.

Gostaria de saber como Mark está. Papai respondeu serenamente:

- Mark foi morto no Vietnã. O funeral será amanhã, e os pais dele gostariam que você comparecesse.

Até hoje me lembro do local exato da estrada I-494, onde meu pai me falou sobre Mark.

Eu nunca havia visto um militar das Forças Armadas dentro de um caixão. Mark tinha urna fisionomia tão bonita, tão amadurecida. Tudo o que pensei naquele momento foi: Mark, eu daria todos os esparadrapos do mundo para que você pudesse conversar comigo.

A igreja estava lotada de amigos de Mark. A irmã de Chuck cantou o "Hino da Batalha da República". Por que teve de chover no dia do funeral? Foi difícil chegar à beira da sepultura. O pastor proferiu as orações costumeiras, e ouvimos o toque de silêncio. Uma a uma, todas as pessoas que amaram Mark passaram pela última vez diante do caixão e o olharam.

Eu fui a última. Naquele momento, um dos soldados que ajudara a carregar o esquife aproximou-se de mim e perguntou:

- A senhora foi professora de matemática de Mark?

Assenti com a cabeça, sem tirar os olhos do caixão.

- Mark falava muito a seu respeito.

Após o funeral, a maioria dos ex-colegas de classe de Mark dirigiu-se à casa da fazenda de Chuck para almoçar. Os pais de Mark estavam presentes, obviamente aguardando minha chegada.

- Queremos mostrar-lhe uma coisa- disse o pai dele, tirando uma carteira do bolso. - Quando Mark foi morto, encontraram isso aqui com ele. Achamos que a senhora reconheceria.

Ele abriu a carteira e retirou cuidadosamente duas folhas de caderno amassadas e que, por certo, haviam sido dobradas e redobradas várias vezes. Mesmo antes de olhar, eu sabia que naqueles papéis estavam relacionadas todas as coisas boas que os colegas de Mark escreveram sobre ele.

- Muito obrigada por ter feito isso - disse a mãe de Mark. - Como a senhora pode ver, Mark guardava esses papéis como se fosse um tesouro.

Os colegas de Mark começaram a se reunir ao redor de nós.

Charlie sorriu timidamente e disse:

- Eu ainda guardo minha lista. Está em casa, na primeira gaveta de minha escrivaninha.

A esposa de Chuck disse:

- Chuck me pediu que colocasse a dele em nosso álbum de casamento.

- Eu também guardei a minha- disse Marilyn. - Está no meu diário.

Em seguida, Vicki, outra colega de classe de Mark, enfiou a mão no bolso, tirou uma carteira e mostrou ao grupo a sua lista surrada.

- Carrego sempre esta lista comigo- ela disse sem pestanejar. - Acho que ela salvou a vida de todos nós.

Foi então que eu me sentei e chorei. Chorei por Mark e por todos os seus amigos que nunca mais o veriam.